

Israel atira em multidão à espera de comida em Gaza



Palestinos transportam pessoas feridas após soldados israelenses abrirem fogo contra multidão à espera de ajuda humanitária na Cidade de Gaza Reuters

Israel atira em multidão em fila por comida; Hamas fala em 112 mortos

Exército afirma ter matado dez sob ameaça; palestinos dizem que 30 mil morreram na guerra

GUERRA ISRAEL-HAMAS
SÃO PAULO A facção palestina Hamas acusou as Forças de Defesa de Israel de dispararem contra centenas de civis que aguardavam em fila para receber ajuda alimentar em uma região próxima à Cidade de Gaza, a principal da faixa homônima, nesta quinta (30).
 O grupo terrorista contra o qual Israel está em guerra há quase cinco meses afirmou que ao menos 112 pessoas morreram e que outras 280 ficaram feridas. Em um comunicado, acusou Israel de "uma guerra genocida" e de cometer "assassinatos em massa e uma limpeza étnica".
 Por várias vezes militares de Israel afirmaram que o episódio de violência partiu dos próprios palestinos. De acordo com as Forças de Defesa, civis começaram a saquear os cerca de 30 caminhões de ajuda e a se empurrar, deixando pessoas feridas e mortas por serem pisoteadas e atropeladas pelos veículos.

Depois, um pequeno grupo teria ido em direção a soldados e a um tanque israelense, que teria dado tiros de advertência e, em seguida, atingido "aqueles que eram uma ameaça e não se afastaram". Segundo a imprensa israelense, as Forças de Defesa dizem que teriam matado menos de dez palestinos nesse momento, não os 112 apontados pelo Hamas, uma vez que estariam acusadas e se vendo sob ameaça.
 O diretor do hospital Kamal Adwan disse que a unidade recebeu cerca de cem pessoas feridas à bala, de acordo com o jornal New York Times, contradizendo a versão israelense. O hospital também teria recebido 12 mortos baleados.
 Um oficial israelense, falando à agência de notícias Reuters em condição de anonimato, disse que os soldados mataram um número desconhecido de palestinos "em uma resposta limitada".
 Os Estados Unidos, principal aliado de Israel, disseram que o caso é "extremamente alarmante" e que precisa ser investigado. Uma porta-voz da Casa Branca disse também que as mortes demonstram a necessidade de que Israel permita a entrada de mais auxílio humanitário na Faixa de Gaza.
 Um porta-voz do governo do premiê Binyamin Netanyahu chamou o episódio de tragédia. "Os caminhões ficaram sobrecarregados, e as pessoas que dirigiam os caminhões, que eram motoristas civis de Gaza, avançaram sobre as multidões, matando, de acordo com o que entendi, dezenas de pessoas", disse Avi Hyman a repórteres.

O episódio teria começado durante a madrugada no horário local, quando cerca de 30 caminhões de ajuda humanitária chegaram ao bairro de Rimal, na Cidade de Gaza, para entregar suprimentos. Os militares divulgaram vídeo com imagens aéreas que dizem ser do momento das mortes. Nas cenas, é possível ver centenas de pessoas correndo para o entorno dos caminhões e subindo neles.

As mortes ocorreram em uma área densamente povoada da Faixa de Gaza e cercada de estruturas sensíveis, como campos de refugiados e dois importantes hospitais: o Shifa, que chegou a ser invadido por Israel em novembro, e o Ahli Arab, alvo de uma explosão que matou centenas de pessoas no início da guerra.

O Departamento de Estado americano afirmou que os EUA estão "urgente e imediatamente atrás de informações" sobre o que aconteceu e que estão em contato com as autoridades israelenses. "Se tem algo que as imagens aéreas do incidente deixam claro é que a situação é desesperadora. As pessoas precisam de mais comida, de mais água, de mais remédios e de outros auxílios humanitários, e precisamos disso agora", disse o porta-voz Matthew Miller. Ele acrescentou que o número de mortes de civis em Gaza "é alto demais".
 Apesar da pressão por mais auxílio humanitário, os EUA têm mantido o forte apoio a Israel tanto no campo diplomático, barrando três vezes resoluções no Conselho de Segurança da ONU que pediam por um cessar-fogo na região, quanto militar — o Pentágono informou nesta quinta que entregou cerca de 21 mil munições guiadas de precisão a Israel desde o início do atual conflito.

O presidente Joe Biden disse nesta quinta que as mortes devem complicar as negociações para um cessar-fogo. Anteriormente, o próprio Biden havia dito que havia expectativas para uma nova trégua na próxima segunda (4). Agora, diz que esse prazo já não é mais realista dadas as recentes mortes.
 Também nesta quinta, o Ministério da Saúde de Gaza —controlado pelo Hamas, uma vez que o grupo governa a Faixa desde a segunda metade dos anos 2000— disse que o número de pessoas mortas chegou a 30 mil. Acredita-se que a cifra englobe civis e combatentes, e a facção trata a todos como mártires. Ainda no comunicado, o Hamas pediu que todos os cidadãos de nações árabes e islâmicas protestem "contra o massacre do povo palestino" e pressionem seus respectivos governos para que tomem uma posição "contra crimes de guerra israelenses".
 Jordânia e Egito foram os



Multidão ao redor de caminhões de ajuda humanitária em Gaza Divulgação Forças de Defesa de Israel/APP



Faixa de Gaza, Cidade de Gaza, Hospital al-Shifa, Campo de refugiados de Jabalia, Hospital al-Ahli Arab, Praça Nibulisti Local do ataque

EUA recuam após citar 25 mil óbitos

O secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, afirmou na quinta (29) que mais de 25 mil mulheres e crianças morreram na Faixa de Gaza. Mas a cifra foi corrigida depois pelo Pentágono, que disse não ter confirmação do dado. "Não podemos verificar de forma independente o número de vítimas em Gaza", afirmou Sabrina Singh, porta-voz do Pentágono, esclarecendo que a cifra se referia ao total de palestinos mortos, não apenas de mulheres e crianças. O dado, segundo ela, vem do Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas.

primeiros a se manifestar. Em nota, a chancelaria jordânica disse que condena "o brutal ataque das forças de ocupação israelenses contra palestinos que apenas esperavam ajuda". Já a chancelaria egípcia descreveu o ataque como desumano. "Consideramos o ataque a civis que estavam apenas aguardando ajuda um crime vergonhoso e uma violação do direito internacional".
 O presidente da Colômbia, Gustavo Petro, anunciou que seu país vai suspender compras de armas de Israel como resposta às mortes. Em uma publicação no X, Petro afirmou que o que aconteceu "se chama genocídio e lembra o Holocausto, ainda que não agrade às potências mundiais reconhecido". Disse ainda que o mundo deve impor sanções ao premiê Binyamin Netanyahu.
 Com Reuters

